



CONTRA AS DICOTOMIAS, AS ENCRUZILHADAS

João Rodrigo Araújo Santana¹

Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Feira de Santana, BA, Brasil.

Resumo: Em *O corpo encantado das ruas* Luiz Antonio Simas analisa a rua como território em disputa entre uma tendência de mercantilização e disciplinamento, e uma cultura das ruas que insiste em re-existir e se reinventar mesmo com todas as adversidades. A obra reúne 42 textos curtos, que falam das inúmeras contradições que marcam as ruas e cidades do país. Com linguagem acessível, leve e cativante, o autor nos leva a ver as ruas e a sua cultura como fontes de aprendizagem, e a perceber, através dos ensinamentos da religiões afro-brasileiras, que a rua é a morada da vivacidade.

Palavras-Chave: Ruas; Encruzilhadas; Cultura Popular; Colonização.

AGAINST DICHOTOMIES, CROSSROADS

Abstract: In *The enchanted body of the streets* Luiz Antonio Simas analyzes the street as a territory in dispute between a tendency to commercialize and discipline, and a street culture that insists on re-existing and reinventing itself despite all adversities. The book brings together 42 short texts, which speak of the countless contradictions that mark Brazil's streets and cities. With accessible, clear and captivating language, the author leads us to see the streets and their culture as a source of learning, and to realize, through the teachings of Afro-Brazilian religions, that the street is the place of vivacity.

Keywords: Streets; Crossroads; Popular Culture, Colonization.

CONTRA DICOTOMÍAS, ENCRUCIJADAS

Resumen: En *El cuerpo encantado de las calles*, Luiz Antonio Simas analiza la calle como un territorio en disputa entre una tendencia mercantil y disciplinar, y una cultura callejera que insiste en volver a existir y reinventarse a pesar de todas las adversidades. El libro reúne 42 textos cortos, que hablan de las innumerables contradicciones que marcan las calles y ciudades del Brasil. Con un lenguaje accesible, claro y cautivador, el autor nos lleva a ver las calles y su cultura como una fuente de aprendizaje, y a darnos

¹ Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia, Professor substituto da Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: joaorodrigoas@hotmail.com ; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7887-4432>

cuenta, a través de las enseñanzas de las religiones afrobrasileñas, de que la calle es el lugar de la vivacidad.

Palabras-clave: Calles; Encrucijadas; Cultura Popular; Colonización.

CONTRE LES DICHOTOMIES, LES CARREFOURS

Résumé: Dans *Le corps enchanté des rues*, Luiz Antonio Simas analyse la rue comme un territoire en conflit entre une tendance mercantile et disciplinaire, et une culture de rue qui insiste pour ré-exister et se réinventer malgré toutes les adversités. Le livre rassemble 42 textes courts, qui parlent des innombrables contradictions qui marquent les rues et les villes du Brésil. Avec un langage accessible, clair et captivant, l'auteur nous conduit à voir les rues et leur culture comme une source d'apprentissage, et à réaliser, à travers les enseignements des religions afro-brésiliennes, que la rue est le lieu de la vivacité.

Mots-clés: Rues; Carrefours; Culture Populaire; Colonialism.

O corpo encantado das Ruas adiciona mais um título a prateleira dos mais de 15 livros publicados por Luiz Antônio Simas. Escritor talentoso e premiado, nessa obra Simas analisa a rua como território em disputa entre um projeto colonizador, que a transforma em local de passagem e consumo, e uma pulsão de vida que continua a re-existir, e que se faz presente nos encontros fortuitos, nos sambas, nas celebrações religiosas, nas festas, nas quitandas, botecos, feiras e esquinas.

Esse projeto, domesticador e desencantado, tem uma história longa na cidade do Rio de Janeiro. Começa no início do século XX, com a reforma Pereira Passos, que materializou o anseio da elite carioca por “civilizar” a cidade e transformá-la por sob os moldes das cidades europeias; e continua a vigorar durante todo esse século, adentrando o XXI com a mercantilização da cidade e a tentativa, mal e bem sucedida, conforme o caso, de controlar, domesticar e transformar em espetáculos para o consumo as manifestações típicas da rua e do povo brasileiro, seja o carnaval, o samba, o futebol.

Simas fala em seu livro, mais propriamente, das ruas do Rio de Janeiro, mas sua escrita transpassa essa cidade, e a crítica que faz se torna pertinente ao Brasil como um todo. Não que o autor faça um retrato do Brasil a partir do Rio de Janeiro, não se trata disso. É possível a obra falar do Rio de Janeiro, e ao mesmo tempo do Brasil, na medida em que os elementos da rua que o autor analisa – religiosidades, sambas, carnaval, africanidades, futebol – são elementos brasileiros que, no enredo de Simas, estão ambientados na cidade fluminense. Assim, o livro fala não só das ruas do Rio, mas da

cultura brasileira, e algumas das suas páginas nos leva a passeios pelas lendas do Maranhão, pelos rios da Amazônia (*Os rios, o rio*), pelo sertão nordestino e sua musicalidade (*Contra o tiro, a flauta e o fole*).

Falar das ruas cariocas quase sempre envolve falar de violência. Um dos méritos do livro é justamente fugir desse lugar comum, e conseguir falar das ruas do Rio sem circunscrevê-las a balas, mortes e tiros, que ensanguentam os noticiários diários. Os corpos encantados das ruas são justamente os agentes que conseguem sublimar a violência cotidiana, “inventa[ndo] a vida no desconforto, na precariedade,” (p. 27), e fazendo das ruas o que elas são por natureza: espaço de festa, alegria, encontros, música, dança e sociabilidade da gente comum. A rua não é sinônimo de violência. Pelo contrário, esta é um dos elementos em disputa no território da rua. A violência é um dos elementos do projeto colonizador na medida em que é resultado de ações históricas e sistemáticas de segregação socioespacial, nas quais as áreas centrais e turísticas da cidade são remediadas e assistidas pelo poder público, e as periferias são destinadas à escassez e ao descaso. Nas periferias as ações do Estado se manifestam, sobremaneira, através da repressão, como relata o autor em *Flor na fenda*.

Destaca-se na obra de Simas a relação íntima entre o samba e suas escolas, com os terreiros, seus toques e tambores. Como ele mesmo afirma, “escolas de samba e terreiros são, em larga medida, extensões de uma mesma coisa: instituições associativas de invenção, construção, dinamização e manutenção de identidades comunitárias, redefinidas no Brasil a partir da fragmentação que a diáspora negreira impôs” (p. 32). Escolas de sambas e os terreiros são elementos de encanto da rua que lutam contra o projeto colonizador que mercantiliza o samba e o carnaval, e demoniza os povos de terreiro. Entre ambos há uma relação simbiótica que se materializa no tambor, “a parte mais sólida entre o terreiro e a avenida” (p. 158). O tambor, primeiro instrumento, é o grande agente comunicador com os ancestrais, aquele que “vai buscar quem mora longe” (p. 29), como diria um ponto de caboclo que serve de epígrafe ao capítulo 7 (*Qual é o povo que não bate o seu tambor?*). Arrisca Simas a afirmação de que uma das origens do samba estaria no toque de “cabula”, um dos ritmos característicos dos candomblés de Angola. Em meio a disputa sobre se o samba nasceu na Bahia ou no Rio de Janeiro, uma coisa é certa: seus ancestrais são africanos, de linhagem banto e yorubá. Escolas de samba e terreiros estão ligados também nos toques das baterias das escolas, que levam para o sambódromo os ritmos sagrados do candomblé, seja a Mocidade tocando o aguerrê (para

Oxóssi), a Mangueira levando o Ilú (para Oyá/Iansã), ou o Império da Tijuca tocando o Opanijé (para Omolu).

Não se engane, leitor, ser esse mais um livro que reifica a suposta relação dicotômica entre a casa e rua, consolidada no pensamento antropológico brasileiro. Simas fala de uma rua que não é o oposto da casa, mas de uma rua que *é* casa. Nessa obra a rua não é o território da impessoalidade, o habitat do indivíduo moderno, mas é regida por outras cosmologias: afetuosas, encantadas, corporais, dançantes, cantantes. A rua que Simas descreve e analisa não pertence a cosmologia ocidental, não é desencantada, dicotômica, centrada no individualismo e na defesa da propriedade privada. É somente para quem vive imerso nessa, e somente nessa, cosmologia é que a rua é o lugar da distância, da reserva, da evitação, das regras de conduta centradas na preservação da integridade do indivíduo. Simas nos leva a identificar o erro – um dos erros, diga-se de passagem – da interpretação do Brasil feita por Roberto da Matta (1997). O “dilema brasileiro” não reside na invasão da rua pelas relações pessoais. A rua brasileira sempre foi, por natureza, encantada, não moderna, não europeia. Se tivermos um dilema, este não reside no lamentar de que a pessoalidade invada a rua, mas no fato de que o projeto colonizador, com seus regramentos, ordens e, sobremaneira, violência, buscou, histórica e sistematicamente, desencantar as ruas cariocas e nacionais, retirando-lhes as sociabilidades primárias da gente comum, com seus toques, cores e cantos. A colonização. Este, sim, é o nosso dilema. E continua bem atual.

Por ser naturalmente encantada, a rua não se presta a qualquer interpretação dicotômica. A rua não é lugar do sim/não, mas encruzilhada para vários sentidos. É o lugar da mistura, dos encontros, das incertezas, do movimento, das novas possibilidades. É a morada de Exu, da Pombagira, do Zé Pelintra. Por isso mesmo ninguém entende melhor as ruas do Brasil dos que aqueles afeitos, chegados e conhecedores dos mistérios das religiões indígenas e afro-brasileiras. A rua *é* casa, é a morada da cultura brasileira e das suas mais belas realizações. Mas é também lugar da exclusão, da precariedade, da violência. As ruas que Simas nos apresenta conformam o território das misturas: sagrado e profano, bom e mal, vida e morte, samba e tiros, carnaval e sangue, festa e violência. Como fez Exu com suas cabaças (ver *Azeite de dendê no carnaval*), tudo está ali, junto e misturado, afetando e atingindo tudo e todos: “Rio que fede, náusea e, ao mesmo tempo, aduba e revigora” (p. 143); “o horror e o sublime caminham juntos” (p. 147); “Flor e faca afiada, aldeia de afagos e pancadas” (p. 166).

O corpo encantado das ruas está, em verdade, em disputa, em luta por re-existir. E da mesma forma que a rua e seus corpos, o texto de Simas também não se rende a um pessimismo desmobilizante, como se o jogo já tivesse perdido, como se o projeto colonizador já tivesse silenciado as ruas. O jogo está sendo jogado, o território está em disputa, e Simas não se cansa de confessar a esperança que tem na re-existência da rua com seus encantos. Esperança, diga-se de passagem, que não brota meramente de uma individualidade otimista do autor, mas que vem dos fatos: o carnaval, as rodas, os sambas, as religiões afro-brasileiras, as cosmologias indígenas, apesar de tudo, continuam re-existindo. Isso é o que acende a esperança do autor. Como ele mesmo lembra, o verde sempre insiste em brotar do concreto (*Flor na fenda*).

As ruas têm muito a ensinar. As encruzilhadas têm a sua pedagogia, diria Luiz Rufino (2019), e Simas fala da “pedagogia do tambor” (p. 29). Os corpos encantados das ruas têm muito a nos ensinar pois nos falam de modos distintos de ver e sentir o mundo, de interpretar a vida. Assim, aponta Simas, a cultura das ruas tem uma missão civilizatória, pois na falta daquela sobram “corpos sem nome, disciplinados para o trabalho, aprisionados, fichados, adoecidos, amontoados, desencantados” (p. 48). Vale lembrar que a vida sem Exu – Legba para os fons – é a própria morte, não em sentido físico-biológico, mas a morte enquanto “despotência”, “impossibilidade de vida”. Jaz aqui a missão civilizatória da rua: nela mora a vivacidade; “a humanização do mundo passa (...) pelo encantamento radical da rua” (p. 136).

Por tudo isso é que *O corpo encantado das ruas* é um conjunto de crônicas urbanas com enorme potencial educativo. Em 175 páginas agrupam-se 42 textos curtos, de linguagem acessível, leve e cativante, que falam das inúmeras contradições que marcam as ruas e cidades do país. A obra nos leva a reconhecer fontes de saber e conhecimento em lugares comumente rejeitados pelo cânone moderno-ocidental: as cosmologias africanas, as religiosidades afro e indígenas, os samba-enredo das escolas, os tambores e suas pedagogias, a rua. A obra também aponta saídas para o dilema civilizatório que vivemos: viver as ruas, com seu potencial criativo e transformador, é o escape do vazio existencial deixado pelo projeto colonizador. E é um dever, também, lutar contra a mercantilização da vida e das manifestações culturais brasileiras; bem como respeitar os valores das religiosidades indígenas e afro-brasileiras: suas cosmologias não ocidentais e não dicotômicas têm muito a nos ensinar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DaMATTA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: *Rocco*, 1997.

RUFINO, Luiz. Pedagogia das encruzilhadas. Rio de Janeiro: *Mórula Editorial*, 2019.

Recebido em: 11/09/2020

Aprovado em: 05/02/2021